

"OUVIR AS PESSOAS"



Governador defende Celesc Pública e afirma que gestão tem que ouvir os trabalhadores

OUVIR AS PESSOAS

Governador defende Celesc Pública e afirma que gestão tem que ouvir os trabalhadores



As primeiras palavras de Carlos Moisés da Silva, Governador de Santa Catarina, aos trabalhadores da Celesc eram aguardadas com expectativa e curiosidade. Afinal de contas, desde sua rápida ascensão até a acachapante vitória na eleição de 2018, Poucas palavras foram destinadas aos celesquianos. Em meio a um cenário nacional que defende as privatizações, os trabalhadores queriam ouvir de Moisés seus planos para a maior estatal catarinense.

Nesta quarta-feira, dia 09, o Governador enfim falou aos celesquianos. Em ato realizado na sede da empresa e transmitido a todas as Agências Regionais, a visita do Governador serviu para apresentar a nova diretoria, o presidente e as premissas desta nova gestão aos empregados. Indicado à presidência e empossado pelo Conselho de Administração ainda em dezembro de 2018, Clecio Poletto Martins focou o discurso na necessidade de dar continuidade ao processo de atingimento de metas da concessão, parabenizando os trabalhadores pelo serviço realizado até o momento.

O presidente afirmou que o foco deve ser a manutenção da concessão da Celesc, a satisfação dos consumidores e o avanço na geração, transmissão e novos negócios, fortalecendo ainda a distribuição de energia. Ao terminar a sua fala, Clecio Poletto disse acreditar em uma Celesc Pública e de qualidade, que será construída ouvindo a sociedade, os sindicatos e os empregados.

"É preciso que o Governador do Estado se proponha ao diálogo com a representação legítima dos celesquianos e receba os sindicatos para conhecer a história de luta dos trabalhadores que impulsionou a Celesc a ser referência no setor elétrico nacional"

O Governador afirmou que há um novo momento em Santa Catarina e que a empresa tem grandes desafios, acompanhando os movimentos do novo Governo do Estado. Retomando as cobranças de compromisso contra a privatização da Celesc durante a campanha, Moisés afirmou que o Estado tem muito a crescer com a empresa, que é fundamental para a aplicação de políticas públicas.

O Governador também deu ênfase ao processo de ouvir as pessoas. "É preciso ter humildade para conversar com os empregados", afirmou.

O diálogo sempre foi o caminho para a construção de uma Celesc Pública que respeite seus trabalhadores e atenda a sociedade com qualidade. Os sindicatos da Intercel sempre estiveram dispostos ao debate franco, já tendo agendada uma reunião com o Presidente da empresa, Clecio Poletto Martins, para o dia 07 de fevereiro. Receber as entidades sindicais que tem histórico de luta e, principalmente, construíram o modelo de gestão participativa premiado pela sociedade é fundamental para que a

Celesc mantenha seu papel de motor do desenvolvimento do Estado. Da mesma forma, é preciso que o Governador do Estado se proponha ao diálogo com a representação legítima dos celesquianos e receba os sindicatos para conhecer a história de luta dos trabalhadores que impulsionou a Celesc a ser referência no setor elétrico nacional com reconhecimento da própria população catarinense.

ELETROBRAS FAZ DOAÇÃO DO PATRIMÔNIO PÚBLICO

Seis Distribuidoras de Energia no Norte e Nordeste, são entregues por R\$ 50 mil cada uma

A Equatorial Energia, que já controlava a Companhia Energética do Maranhão (Cemar), a Centrais Elétricas do Pará (Celpa) e a Companhia Energética do Piauí (Cepisa), e que tem uma participação no capital da Termoelétrica Geradora de Energia do Norte (Geranorte), foi a única a dar o lance mínimo de R\$ 50 mil, no leilão da Companhia Energética de Alagoas (Ceal). O leilão foi realizado na última semana de 2018, no dia 28 de dezembro. A empresa foi a última das seis distribuidoras da Eletrobras a ser privatizada sob comando do governo de Michel Temer (MDB). Além dela, haviam sido vendidas em 2018, também por R\$ 50 mil cada uma: a Amazonas Distribuidora de Energia; a Boa Vista Energia, que atende Roraima; a Centrais Elétricas de Rondônia; a Companhia de Eletricidade do Acre e a Companhia de Energia do Piauí (Cepisa).

Miseros 50 mil reais por cada distribuidora, caracterizam a doação do patrimônio público para a iniciativa privada, que obviamente irá transferir para a população os custos dos investimentos obrigatórios previstos nas regras do lei-

lão, através dos aumentos da tarifa. O histórico recente de privatizações das distribuidoras da Eletrobras, de acordo com a Federação Nacional dos Urbanitários (FNU), já dá mostras deste efeito. Em agosto deste ano, a Agência Nacional

"Miseros 50 mil reais por cada distribuidora, caracterizam a doação do patrimônio público para a iniciativa privada, que obviamente irá transferir para a população os custos dos investimentos"

de Energia Elétrica (ANEEL) autorizou a Celpa, já sob comando da Equatorial, a aumentar a conta de luz em 11,75%. Na ocasião, a empresa passou a ser a concessionária que cobra a energia mais cara do Brasil: R\$ 0,671 por kWh.

O processo de privatização das seis distribuidoras da Eletrobras tem sido

objeto de várias disputas também no âmbito judicial. Em novembro, a juíza Raquel de Oliveira Maciel, da 49ª Vara do Trabalho do Rio de Janeiro, concedeu uma liminar que suspendeu o leilão das distribuidoras, atendendo a uma ação dos sindicatos dos urbanitários e eletricitários dos estados afetados. Na ação, os sindicatos exigiam a realização de estudos sobre o impacto das privatizações para os trabalhadores das distribuidoras. Atendendo a uma ação similar, no dia 10 de dezembro, uma decisão liminar do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região suspendeu os efeitos do leilão da Amazonas Energia, vendida no mesmo dia ao consórcio Oliveira/Atem. O Diário Oficial da União publicou, no dia 28 de novembro, um aviso da Eletrobras informando que o Presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região havia suspendido a decisão da juíza Raquel de Oliveira Maciel. Em meio às batalhas jurídicas, os trabalhadores vão pagando o preço, na Cepisa, nos primeiros 30 dias da administração privada, 30 trabalhadores foram demitidos pela Equatorial.

ELETROBRAS

DE CONTRADIÇÃO EM CONTRADIÇÃO, BOLSONARO MANTÉM PROJETO DE PRIVATIZAR A ELETROBRAS

Contrariando promessa de campanha, Governo retomará projetos privatistas de Temer

Que o Governo Bolsonaro é o governo do fala e depois desmente, 10 dias de gestão já deixaram claro. A enorme quantidade de anúncios feitos e depois "desfeitos" demonstra as contradições entre uma equipe montada com o que há de pior na política brasileira, como disse o professor Luiz Felipe Miguel (UNB).

Esse bater de cabeças de quem incentivou o povo a bater panelas, no entanto, só dói em um lugar: no povo brasileiro. Jair Bolsonaro foi enfático na campanha: nenhum país entrega para outro o controle de energia. Dito isso, afirmou que não privatizaria a Eletrobras. Se durante a campanha a fala de Bolsonaro convenceu muita gente, agora as falas de seus ministros vão contra tudo que ele anuncia. E nessa toada, a Eletrobras volta ao centro da privatária. Empossado, o novo Ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque afirmou



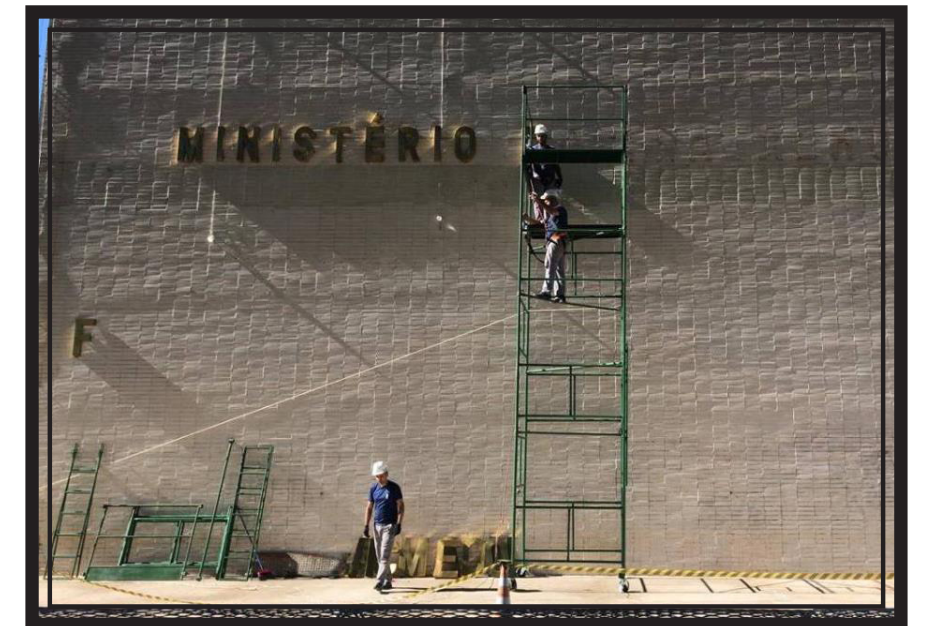
que o Governo retomará o processo de privatização da Eletrobras. Além disso, o pior presidente da história da Eletrobras, Wilson Pinto Jr., foi confirmado para permanecer à frente da Estatal, dando sequência aos ataques aos trabalhadores e defendendo a venda da maior empresa de energia elétrica da

América Latina. A atual proposta de privatização da Eletrobras, defendida por Pinto Jr, obrigará o consumidor a pagar mais pela mesma energia, enquanto montanhas de dinheiro irão para os bolsos de especuladores, para fundos estrangeiros, espoliando a Nação e os brasileiros em um crime lesa a pátria.

TRIBUNA LIVRE

"UM GOVERNO QUE APONTA" UMA ALEGORIA DO BOLSONARISMO GOVERNAMENTAL

Por Paulo Guilherme Horn, Diretor do Sindinorte e jornalista da Intercel



Coube a trabalhadores protagonizar uma das imagens mais impactantes deste início de 2019. Logo no terceiro dia do ano, terceiro dia de mandato do Presidente Jair Bolsonaro, uma determinação serviu para uma analogia ao futuro dos direitos trabalhistas. Extinto pelo novo Governo, o Ministério do Trabalho não aparece nem mais na fachada dos prédios da esplanada dos Ministérios, em Brasília. O fatiamento das atribuições do Ministério do Trabalho entre outras pastas é também uma bela ilustração do que nos aguarda. Enquanto dividem o espólio roubado dos trabalhadores, anunciam novos ataques. Mesmo após a reforma trabalhista do Governo Temer ter rasgado a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), reduzindo direitos e atacando sindicatos, o presidente tem afirmado que há muita proteção para os trabalhadores. Aponta para a necessidade de uma nova reforma trabalhista, beirando a informalidade - e aprofundando os cortes nos direitos. Aponta também para o fim da justiça do trabalho. Ou seja, além de poucos direitos, quando estes não forem respeitados (o que sempre acontece), você não terá mais como contestar. A justiça servirá apenas a uma casta de abastados que exploram o suor dos trabalhadores.

Bolsonaro é o presidente das alegorias. A maior delas é sua marca registrada: a mania de fazer "arminhas" com as mãos. Mas ela não é uma alegoria de masculinidade, de força ou qualquer outra baboseira que conquista moleques (ou quem pensa como moleque). Também não é uma imagem de luta contra bandidos (é só ver seu ministério). É da violência contra o povo. Contra as minorias. Contra negros, pobres, índios. Contra cada trabalhador brasileiro. A cada gesto de "arminha" apontada, estão dando um tiro em algum direito que lutaram para você ter. Cada tiro acaba com uma conquista. E conquistas, são feitas de lutas árduas. Por que, em lugar nenhum do mundo, um benefício para o povo para os trabalhadores cai do céu. Por isso que é uma conquista. E nossas conquistas estão caindo a cada "tiro".

Existe na política um período chamado "lua de mel" do governo. São, basicamente, os seis primeiros meses onde a população apoia e espera melhoras. Em 10 dias, só vimos "tiros" e erros. Anúncios feitos e desmentidos. Ainda há quem ache que o governo está no caminho certo. O que é estanho e incompreensível, pois recente pesquisa de opinião pública demonstrou que a maioria da população é contra a venda de estatais - principal plano econômico - e contra a liberação das armas - principal promessa e alegoria de todo o bolsonarismo.

Sem querer ser pessimista ("mas vocês já tão torcendo contra"), o fato é que uma hora a lua de mel acaba e não tem casamento que resista à violência, mesmo de "arminhas" feitas com as mãos.



1º de janeiro de 2019, 60 anos da Revolução Cubana. Quem diria? Para a soberba dos serviços de inteligência dos EUA a ousadia dos barbudos de Sierra Maestra, ao livrar Cuba da esfera de domínio de Tio Sam, era um “mau exemplo” a ser o quanto antes apagado das páginas da história. A CIA mobilizou e treinou milhares de mercenários e Kennedy mandou-os invadir Cuba (1961). Foram vergonhosamente derrotados por um povo em armas. E, de quebra, a hostilidade da Casa Branca levou Cuba a se alinhar à União Soviética. O tiro saiu pela culatra. Mexer com Cuba passou a significar aquecer a Guerra Fria, como o demonstrou a crise dos mísseis (1962).

Tio Sam não botou as barbas de molho. Transformou cubanos exilados em Miami em terroristas que derrubaram aviões, explodiram bombas, promoveram sabotagens. E investiu uma fortuna para alcançar o mais espetacular objetivo terrorista: eliminar Fidel. Foram mais de 600 atentados. Todos fracassados. Fidel faleceu na cama, cercado pela família, em 25 de novembro de 2016, pouco antes de a Revolução completar 58 anos. Havia sobrevivido a 10 ocupantes da Casa Branca que autorizaram operações terroristas contra Cuba: Eisenhower, Kennedy, Johnson, Nixon, Ford, Carter, Reagan, Bush pai, Clinton e Bush filho.

Fracassada a invasão da Baía dos Porcos, impôs-se o bloqueio a Cuba (1961). Medida criticada por três papas em visita a Havana: João Paulo II (1998), Bento XVI (2012) e Francisco (2015). Porém, a Casa Branca não escuta vozes sensatas. Prefere se isolar, ao lado de Israel, a cada ano em que a Assembleia da ONU vota o tema do bloqueio. Pela 27ª vez, em 2018, 189 países se manifestaram contra o bloqueio a Cuba.

Com a queda do Muro de Berlim e o desaparecimento da União Soviética (1989), os profetas da desgraça renunciaram o fim do socialismo cubano. Não falharia a teoria do dominó... Equivocaram-se. Cuba resistiu, suportou o Período Especial (1990-1995) e se adaptou aos novos tempos de globalização.

Muitos se perguntam: por que os EUA não invadiram Cuba com tropas convencionais (já que os mercenários foram derrotados), como fez na Somália (1993), Granada (1983), Afeganistão (2001) e Iraque (2003), Líbia (2011), Síria (2017), Níger (2017), e Iêmen (2018)? A resposta é simples: uma potência bélica é capaz de ocupar um país e derrubar-lhe o governo. Mas não derrotar

um povo. Esta lição os estadunidenses aprenderam amargamente no Vietnã, onde foram escorraçados por um povo camponês (1955-1975). Atacar Cuba significaria enfrentar uma guerra popular. Após a humilhação sofrida no Sudeste Asiático, a Casa Branca prefere não correr o risco.

Por que Cuba incomoda a tantos que associam, indevidamente, capitalismo e democracia? Porque Cuba convence as pessoas intelectualmente honestas, que não se deixam levar pela propaganda anticomunista fundada em preconceitos, e não em fatos, que, apesar de toda a campanha mundial contra a Revolução, na ilha ninguém morre de fome, anda descalço, é analfabeto com mais de 6 anos de idade, precisa ter dinheiro para ingressar na escola ou cuidar da saúde, seja uma gripe ou uma complexa cirurgia do coração ou do cérebro. No IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) da ONU, que abrange 189 países, Cuba ocupa melhor lugar (68º) que a maioria dos países da América Latina, incluído o Brasil (79º lugar).

Enquanto o capitalismo enfatiza, como valor, a competitividade, a Revolução incute no povo cubano a solidariedade. Graças a isso Cuba despachou tropas, nas décadas de 1960 e 1970, para ajudar nações africanas a se libertarem do colonialismo europeu e conquistarem sua independência. Raúl Castro foi o único chefe de Estado estrangeiro a ter direito a discursar nos funerais de Mandela, porque o governo da África do Sul reconheceu a importância da solidariedade cubana para o fim do apartheid.

Graças à solidariedade, professores e médicos cubanos se espalham por mais de 100 países, trabalhando nas áreas mais pobres e remotas. E graças aos princípios éticos da Revolução, em Cuba não se vê famílias debaixo de pontes, crianças de rua, mendigos estirados pelas calçadas, cracolândia, máfias de drogas. Os delatores da Odebrecht denunciaram todos os agentes públicos corrompidos nos países da América Latina nos quais a empresa atuou. Menos Cuba, onde ela construiu o porto de Mariel. Algum delator quis defender Cuba? Óbvio que não. Apenas nenhum cubano se deixou corromper.

O povo cubano chegou ao paraíso? Longe disso. Cuba é uma nação pobre, porém decente. Apesar do bloqueio e de todos os problemas que ele acarreta, seu povo é feliz. Por que então muitos saem de Cuba? Ora, muitos saem de qualquer país que enfrenta dificuldades. Saem da Espanha, da Grécia, da Turquia, do Brasil, da Venezuela e da Argentina. Mas quem sai? De Cuba, aqueles que, contaminados pela propaganda do consumismo capitalista, acreditam que o Eldorado fica acima do Rio Grande. Os mesmos que se regozijam com a emigração de uns poucos cubanos jamais se indagam por que nunca houve em Cuba uma manifestação popular contrária ao governo, como acaba de ocorrer na França (jalecos amarelos) e também recentemente na

Tunísia (2011), Egito (2011), Turquia (2016), e anteriormente nos EUA (Seattle, 1999).

Haveria um Cuba soldados ou guardas em cada esquina? João Paulo II declarou que lhe chamou a atenção não ver veículos militares nas ruas ao visitar Havana, como observou em tantos outros países. A maior arma da resistência cubana é a consciência da população.

A Revolução Cubana comemora 60 anos! É muito pouco para um país triplamente ilhado: pela geografia, pelo bloqueio e por ser o único da história do Ocidente a adotar o socialismo. E quando os cubanos comemoram, não olham apenas para o passado de tantas gloriosas conquistas entre muitos desafios e dificuldades. Inspirados por Martí, Che, Fidel e Raúl, os cubanos sabem que a Revolução ainda é um projeto de futuro.

Não só para a Cuba, mas para toda a humanidade, até que as diferenças (idioma, cultura, sexo, religião, cor da pele etc.) não sejam mais motivo de divergências, e a desigualdade social figure nos arquivos de pesquisas apenas como uma abominável referência histórica, como é hoje a escravatura.

Longa vida à Revolução Cubana!

POR FREI BETO AUTOR DE PARAÍSO PERDIDO – VIAGENS PELO MUNDO SOCIALISTA (EDITORA ROCCO), ENTRE OUTROS LIVROS.